

## Notas e Recensões

### REFLEXÕES EM TORNO DO IV COLÓQUIO IBÉRICO DE GEOGRAFIA

*Fantina Tedim Pedrosa*  
*Bernardo de Serpa Marques*  
*António de Sousa Pedrosa*

A recente distribuição das *Actas do IV Colóquio Ibérico de Geografia*, veio permitir lembrar e consciencializar uma grande variedade de problemas concretos que se põe hoje à investigação geográfica. De facto, para além da notícia de novos trabalhos e temas que estão a ser investigados nos diversos centros de estudo, este tipo de reuniões permite um conhecimento directo e uma discussão viva e objectiva dos diversos pontos de vista. Mas, é através da leitura posterior das comunicações publicadas que se torna possível uma maior reflexão e, conseqüentemente o amadurecimento das ideias expostas.

Nas actas do IV Colóquio Ibérico foram publicadas 80 comunicações distribuídas por três áreas temáticas: *Consequências geográficas da adesão à CEE*; *A participação dos geógrafos no planeamento regional*; *Os problemas do ensino e da investigação de base em Geografia*.

A integração de Portugal na CEE foi motivo de reflexão de numerosos estudiosos que nos forneceram diferentes perspectivas de análise do tema.

Um aspecto que preocupou alguns autores foi a análise das disparidades regionais, tendo Jensen-Butler examinado as repercussões que a integração económica europeia teve sobre os contrastes regionais, mas inseridos no quadro espacial da Europa dos dez. Alguns geógrafos do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa em colaboração com o referido autor apresentaram um modelo económico-demográfico para avaliar o «*impacto económico regional da entrada de Portugal para a CEE*» e ainda visualizar a «*organização do território português no ano 2000*» (Abreu e ai. p. 59).

Outras comunicações centraram a sua análise na política regional, debruçando-se sobre o papel do FEDER e a sua actuação em Espanha e Portugal fazendo-se referência às acções de desenvolvimento regional que urge realizar ou que tem vindo a ser entetadas.

«*A recente integração de Portugal na Comunidade Europeia coloca em muitos dos sectores produtivos portugueses questões que se situam longe de soluções de trazer ao país o «cenário europeu», frequentemente descrito por alguns responsáveis políticos nacionais*» (Cravidão, p. 225). Sem dúvida que o sector agro-pecuário é o que apresenta maiores problemas. Inúmeros textos das Actas do IV Colóquio Ibérico de Geografia reflectem isso mesmo, ao tentar analisar para as diversas áreas do Norte e Centro do país as características agro-pecuárias, os seus principais problemas e as diversas acções que tem vindo a ser levadas a cabo no sentido de desenvolver o sector, sugerindo, também, algumas mudanças que em sua opinião seriam fundamentais.

Entre os problemas mais focados contam-se o desajustamento da estrutura fundia-

ria, o deficiente dimensionamento das explorações, o baixo nível de formação escolar e técnica dos agricultores assim como a sua elevada média etária e, ainda, a fraca capitalização das explorações.

Foram referidas algumas acções que tem sido levadas a cabo no sentido de enfrentar estes problemas, como emparcelamento, reestruturação dos sistemas de culturas, acções de rega e de drenagem de solos, formação de agricultores. No sector leiteiro espera-se que as cooperativas venham a ter «*um papel essencial quer na aplicação de medidas profiláticas quer na difusão de algumas inovações. A instalação e controle de ordenhas colectivas e particulares são alguns exemplos de acções cujos resultados se têm reflectido no aumento da produção e na melhoria da qualidade do leite, factores essenciais à comercialização daquele produto*» (Cravidão, p. 234).

Como sugestões a incrementar os autores referem que importa planear a expansão da construção urbana, «*incentivar uma agricultura de tipo peri-urbana*» (Silva, p. 136) nas áreas envolventes dos principais eixos industriais, favorecer o «*emparcelamento e/ou recurso a tipos de associativismo*» (Silva, p. 137), promover a melhoria progressiva do gado leiteiro, «*desenvolver espécies forrageiras que respondam em quantidade e qualidade às necessidades exigidas pela alimentação do gado leiteiro, (...) incentivar e desenvolver os prados naturais*», (Cravidão, p. 242/43) aumentar o consumo per/capita de leite.

O sector florestal em Portugal foi objecto de duas comunicações. O autor de uma delas mostra que «*o sector florestal, e de uma forma particular o subsector de pastas químicas, apresenta-se com um elevado grau de interesse económico, atendendo a que os países comunitários são deficitários naquele produto*» (Pereira, p. 254). Alerta ainda para a necessidade de «*intensificar a produtividade da floresta de forma a adensar os povoamentos existentes, a utilizar técnica para melhorar a qualidade dos desbastes e derrames, colocando à disposição do sector os meios financeiros para executar uma tradicional reconversão florestal não esquecendo uma acção preventiva contra os fogos, como os maiores flagelos dos últimos tempos*» (Pereira, p. 267). Este aspecto é objecto de uma comunicação em que, entre outros, se refere as principais consequências geográficas, sendo a mais grave «*a destruição da própria floresta*» (Lourenço, p. 953). Mas «*a destruição da vegetação leva à alteração dos microclimas, (...) intensificação da meteorização das rochas e destruição dos solos*» (Lourenço, p. 953), assim como a um aumento da acção erosiva das águas de escorrência. O autor refere ainda as consequências de carácter económico e humano. São também apresentadas medidas tendentes a reduzir a ocorrência de incêndios florestais.

Para além do sector agro-pecuário e florestal foi abordada a estrutura industrial portuguesa e os problemas das pequenas e médias empresas que são «*de ordem técnica, de formação profissional, de gestão, de abastecimento, da colocação da produção e de financiamento*» (Caetano, p. 287). Foi dado especial relevo à importância que assume a «*introdução de novas tecnologias essenciais à modernização de processos e produtos, visando o aumento da produtividade e da competitividade*» (Caetano, p. 287) e que é influenciada pela formação profissional e capacidade de aquisição de informação tecnológica por parte dos empresários. São referidos os esquemas de ajuda e âmbito de intervenção da C.E.E. não só sob o ponto de vista do financiamento mas também da formação profissional e das inovações tecnológicas que poderão beneficiar a indústria portuguesa.

Não foi descurada a análise da estrutura actual e da evolução recente do comércio externo português, tendo sido apresentadas algumas das possíveis transformações resultantes da adesão à CEE.

Mas, também, os geógrafos espanhóis se preocuparam em analisar as transformações económicas que se tem processado nos últimos tempos em diversas regiões espanholas e, ainda, as implicações da entrada do seu país na CEE em diversos sectores produtivos e em diferentes pontos de Espanha.

Foram abordados entre outros as características dos regadios tradicionais Castelo-leoneses e a viabilidade de criação de novos regadios para melhor cumprir os objectivos da economia espanhola e da própria CEE. Foi também tema de comunicação a expansão actual da cultura do Kiwi na Galiza, referindo o autor que «*el Kiwi puede ser la alternativa a la economía rural tradicional gallega. (...) Ante los excedentes de vino i leche en la CEE seria conveniente orientar la producción hacia artículos de fuerte demanda europea y que la mayoría de los países son incapaces de producir, como es el caso dei Kiwi, fruto de amplios horizontes en Galicia*» (Labrador e ai., p. 470). Os problemas do sector vinícola também não deixaram de ser referidos tendo sido objecto de análise a comercialização do vinho de «*Rioja*» nos países da CEE e quais as principais consequências para esta região vitivinícola que advém da integração.

Relativamente ao sector pecuário, António Pérez Diaz apresentou uma comunicação sobre a criação extensiva de gado ovino e caprino cuja criação é altamente vantajosa no quadro da CEE, mas o autor alerta para a existência de diversos problemas a nível produtivo e de comercialização sem a resolução dos quais essa adesão não se pode traduzir vantajosamente neste sector.

Mas para além da agricultura mereceram ainda destaque por parte dos geógrafos espanhóis alguns aspectos industriais e urbanos. Por um lado, Pedro Armas avalia o impacto ambiental e socio-económico da instalação de duas unidades industriais ligadas à produção de alumínio em ambiente rural da Galiza onde «*una industria-enclave discordante con el médio en que se ubica, ai cual aporta una serie de beneficios que pueden considerarse, según el prisma de observación, suficientes o insuficientes como compensación por los efectos negativos causados*» (Armas, p. 301). Por outro M. Ruiz-Valdepenas analisa as transformações recentes na comarca de Morvedre (Valência) em consequência da «*reorganización o desmantelamiento de algunas unidades productivas de sectores «críticos» y su sustitución por actividades manufactureras que presenten una clara viabilidad futura*». (Ruiz-Valdepenas, p. 272).

Foram focados ainda alguns aspectos das actividades terciárias em algumas cidades galegas. José S. Martinez a partir das relações comerciais da região de Murcia com a CEE conclui que esta região tirará importantes benefícios que se manifestarão, essencialmente, no sector agrícola e nas indústrias de transformação de produtos alimentares.

Um outro aspecto que preocupou os geógrafos e que constituiu uma outra área temática proposta para o Congresso foi a *participação dos geógrafos no planeamento regional*.

Fazendo o diagnóstico da situação da Geografia em relação ao ordenamento do território, Ana Aguero Puente refere que esta disciplina «*actua como mero auxiliar, como ciência descriptiva que aporta una parte de la información que sirve de base para el estabedamiento dei diagnóstico de la situación socio-espacial dei ámbito objecto de planificación*» (Aguero Puente, p. 365) pelo que é necessário uma «*redefinición dei estatuto epistemológico, conceptual y metodológico de nuestra disciplina en el camino hacia una aproximación más directa, y con mayor capacidad explicativa, a los procesos sociales, no unicamente indirecta a través dei paisaje y de los aspectos puramente formales v fisonómicos*». (Aguero Puente, p. 365). Também o G.E.O.T.<sup>1</sup> reforça esta ideia ao afirmar que a «*Geografía no debe quedar en una serie de conocimientos teóricos y unas prácticas escasas y a veces inexistentes, impartidas por la Universidad, sino que esos conocimientos se deben aplicar en espacios concretos*» (G.E.O.T., p. 405).

Foram também discutidos alguns problemas colocados pelos processos de planeamento urbano no que se refere à questão do poder. Segundo o autor esta problemática interessa aos «*geógrafos tanto como preocupação teórica, como questão prática. Este in-*

---

<sup>1</sup> Grupo de Estúdios para la Ordenación dei Territorio (Universidade de Murcia).

*teresse resulta das questões que se referem ao espaço e aos modos de ordenar as configurações territoriais, ou seja, por aquilo que leva a questionar de que modo, com que meios, com que eficácia e para quem as acções resultantes de decisões com graus diferentes de centralização, voluntárias e racionais, organizam o território» (Gama, p. 419).*

O papel da Geografia Física como interveniente importante no ordenamento do território foi também objecto de reflexão. De facto, não se pode ficar pela caracterização física de um determinado espaço geográfico onde se pretende implantar um qualquer empreendimento, fazendo o inventário dos recursos naturais e ambientais, mas não se deve ficar por aqui. É necessário e indispensável prever, ainda, *«as perturbações que essas mesmas obras podem desencadear na dinâmica existente em todo o sistema, ou seja os chamados impactes ambientais» (Moreira, p. 397).*

No entanto não foi apenas esta discussão teórica que deteve as atenções dos intervenientes no colóquio. Foram também apresentados alguns estudos que procuraram mostrar a que níveis o geógrafo pode intervir no ordenamento do território e alguns dos diferentes aspectos que pode analisar.

Assim, foram apresentados alguns aspectos do Plano Director Intermunicipal da Terra Quente Transmontana onde se procura demonstrar *«o dinamismo e capacidade de renovação que existe nesta área, o que vem desmentir um pouco a imagem que dela normalmente se tem».* (Matos, p. 503).

Outras comunicações versavam aspectos de índole demográfica. Para além de terem sido apresentadas projecções da população portuguesa para o ano 2025, foram ainda objecto de tratamento problemas relacionados com a emigração espanhola. Foram evidenciados os factores explicativos da dinâmica populacional em áreas espanholas, tendo sido dado especial ênfase à implantação de actividades terciárias em determinados aglomerados, as quais têm tido um papel fixador da população. Ainda dentro desta problemática foi apresentada uma comunicação sobre a estrutura da população activa na área metropolitana de Lisboa, a qual contempla também os movimentos pendulares dessa mesma população tentando uma tipologia dos concelhos.

O estudo das principais características do povoamento foi objecto de duas comunicações, que analisaram este aspecto no quadro espacial de alguns municípios da província de Orense. Numa delas são analisadas as vantagens e desvantagens da utilização do índice de dispersão-aglomeração de Pereira de Oliveira, enquanto que a outra apresenta uma tipologia dos aglomerados rurais.

Quanto ao problema da industrialização foram, por um lado, referidas as características do processo da industrialização recente que ocorreu em três municípios galegos detendo-se o autor também na análise sectorial do emprego e da estrutura empresarial. Foi ainda apresentada uma comunicação, sobre o avanço da terciarização numa área industrial da periferia de Coimbra o qual tem sido favorecido por *«razões estruturais, (...) baixo investimento no sector industrial (as novas empresas são de pequena dimensão económica) e menos empresários relativamente às restantes actividades económicas»* (Caetano, p. 489).

Relativamente ao estudo das cidades foi dada ênfase aos problemas da renovação urbana e da reabilitação de centros históricos e outras zonas antigas, tendo sido referidas as estratégias de conservação e as políticas de recuperação destas áreas. Intimamente ligado às cidades surge o problema do papel das cooperativas de habitação em Portugal tendo seguidamente a autora centralizado o seu estudo sobre Lisboa, fazendo uma caracterização morfológica e sócio-económica da promoção imobiliária das cooperativas sediadas naquela cidade, feita com o apoio do estado. Foi ainda objecto de análise a política estatal tendente a resolver os problemas habitacionais em Valladolid, tendo o autor referido os resultados desta política.

Mereceu também atenção a expansão da residência secundária na periferia da Corunha que, para além de ter transformado a paisagem, contribui para um aumento do

abandono das actividades relacionadas com a agricultura devido à pressão provocada pela procura imobiliária.

**Os problemas do ensino e da investigação de base em Geografia não foram descuidados.** Começou-se por focar os problemas com que a Geografia se debate como disciplina do curriculum escolar. Esta questão pôs-se tanto para Portugal como para Espanha. **Os autores espanhóis pensam que «La única posibilidad que se le presenta a la geografía de ofertar una propuesta educativa socialmente relevante capaz de abandonar el tradicional enciclopedismo y la reciente instrumentalización y banalización a que se está viendo sometida en la escuela, es avanzar hacia concepciones didácticas formalistas capaces de poner en el centro de su discurso educativo no la estructura de nuestra disciplina sino determinados problemas socialmente relevantes que como centros de interés permitan articular en torno suyo las diversas unidades didácticas - necesariamente pocas - que conformen un curriculum de geografía o de ciencias sociales».** (Escudero Barbero, p. 693). Um outro autor refere também **«La necesidad urgente de que la Geografía espanto-la redefina su estatuto epistemológico, conceptual, metodológico, etc, en el camino hacia una aproximación directa a los procesos socioespaciales y no indirecta a través del paisaje. Para ello, un primer paso debería ser, a mi juicio, la superación de la falta de fundamentación científico-social, es decir, avanzar hacia un mayor acertamiento conceptual y metodológico a las Ciencias Sociales como referente fundamental de nuestra disciplina».** (Humada Ruiz, p. 727).

No que se refere ao caso português foi focado a urgência de elaborar um programa **para o 12.º ano de escolaridade «que não se pretende simplesmente novo mas\* fundamentalmente, um programa diferente que seja simultaneamente informativo e formativo, que abra aos alunos uma nova perspectiva de encarar a realidade dramática que é o mundo neste final do séc. XX, que lhes permita ver, de um novo modo os seus dilacerantes problemas e as suas inadiáveis opções: na medida em que estar bem informado é condição necessária para se poder decidir e optar em verdadeira democracia».** (Navarro, p. 722).

Foi muito discutido o problema da utilização dos computadores, quer nos trabalhos de investigação e aplicação para que os geógrafos se encontrem preparados, já que normalmente utilizam um grande volume de dados, quer também no ensino aproveitando as suas potencialidades didácticas. Assim, Énio Semedo pensa que a utilização de computadores na escola é importante e se esta **«não o fizer estará, mais uma vez, a enterrar já a cabeça na areia, a optar por se situar à margem de uma inovação de tão largas virtualidades pedagógicas»** (Semedo, p. 802), no entanto a sua utilização não poderá substituir de maneira nenhuma o professor, entendido como um profissional qualificado para assegurar a educação, já que **«a máquina é incapaz de ter um comportamento diferenciado face aos alunos e, também, porque a falta de convívio proporcionado pela vida escolar, onde é possível o diálogo, o confronto de ideias, o aprender a escutar os outros, etc, poderia conduzir ao aparecimento de uma geração socialmente mais fechada e desumanizada».** (Semedo, p. 807). Também J. Queirós M. Santos tem **uma opinião idêntica já que numa «escola participada e participativa, que se pretende em transformação, acompanhando, ou provocando, a evolução progressiva da sociedade, não é possível menosprezar a utilização dos computadores, enquanto objecto de uso didáctico».** (Santos, p. 833). No entanto acrescenta que **«qualquer tentativa de massificação do processo educativo, utilizando computadores, resultaria num fracasso sem precedentes. Aliás no meu entender, muito do insucesso que actualmente ocorre resulta precisamente da tendência generalizada para a massificação do ensino, quando o caminho a percorrer deveria ser orientado no sentido da personalização da aprendizagem»** (Santos, p. 834).

Foi ainda apresentada uma série de sugestões metodológicas aplicáveis à análise

de fenómenos concretos de um espaço definido e bem delimitado, não com objectivos marcadamente de investigação, mas também com finalidades didácticas.

Neste aspecto, os geógrafos físicos tiveram um papel importante pois para além de apresentarem metodologias de análise de determinados fenómenos, procuraram fazer uma abordagem crítica das mesmas. Um dos aspectos focados foi a comparação de dois métodos utilizados na elaboração de mapas de declive. As principais conclusões a que os autores chegam é que o método de quadriculagem tem mais *«interesse teórico»* porque *permite «aprofundar estatisticamente a definição das vertentes a avançar na correlação entre declives e litologia por um processo de contagem de quadriculas e cálculo de percentagens»*, (Rebello e ai., p. 870) enquanto que o método das áreas homogéneas permite uma leitura mais rápida, mais fácil e mais eficaz.

Foram também analisados quais os métodos mais indicados para o estudo dos declives tendo-se concluído fundamentalmente que *«a quadriculagem se apresenta como o melhor método para a análise das formas médias ou de grande escala»* (Cordeiro, p. 901). No entanto se tem de analisar formas de grande pormenor nas vertentes *«a medição directa no campo apresenta-se como o melhor método embora a sua situação perante a topografia actual vá alterar o modo de representação»* (Cordeiro, p. 901).

Numa outra comunicação apresenta-se um método que procura analisar a dinâmica das dunas. Foi ensaiado para a área de S. Pedro de Moei tendo-se numa primeira fase comparado fotografias aéreas de épocas distintas, o que permitiu reconstituir a evolução das dunas, para numa outra fase, serem instalados postos de observação, contendo uma série de aparelhos com o objectivo de estudar a dinâmica actual das dunas.

Foram abordados, ainda, outros assuntos no âmbito da Geografia Física, nomeadamente os que se relacionam com formas e processos nas regiões calcárias. Uma comunicação procurou analisar a carsificação profunda nas serras calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere. Uma outra abordou a problemática dos ravinamentos actuais na área de Condeixa, na qual se explicita as características que têm influência na sua instalação, as consequências da evolução destas formas e, também, o funcionamento dinâmico das mesmas.

Por último, foram apresentadas duas comunicações que se preocuparam com problemas de análise de formações vegetais. Numa o autor analisa a fisionomia, a extensão e o grau de desenvolvimento das formações vegetais, concluindo que a teoria que normalmente se utiliza, ou seja a teoria do *monoclimax* não é a mais adequada para a análise da dinâmica das formações, concluindo que existe para cada região climática um *poli-climax* e que *«La noción de clímax debe emplearse de modo restrictivo dei habitual hasta ahora, considerando que una formación vegetal se encuentra en ese estado óptimo de desarrollo - cualquiera que sea su antigüedad, fisionomia y estratificación - siempre que las especies principales experimenten un ritmo de crecimiento normal o no disbiótico»* (Calonge Cano, p. 931). Numa outra constata-se as consequências que o clima da Cordilheira Ibérica tem sobre o complexo ecológico. O clima é encarado nos seus aspectos térmicos e de precipitação que segundo a autora não se apresentam como meros elementos climáticos, pois mostram-se indispensáveis a todo o complexo ecológico. Mostra que a sua evolução recente tem provocado alterações importantes na composição das formações vegetais. E salienta, ainda, a acção importante do homem que através dos séculos actuou indiscriminada e devastadoramente sendo portanto um dos responsáveis pelas mutações que se estão a verificar na área em questão.

Uma das preocupações dominantes entre os professores portugueses de Geografia do Ensino Secundário, afinal a maioria dos participantes no Colóquio, era o da posição da Geografia no curriculum escolar. Elas ficaram concretizadas na intervenção de Eduíno Neves que veio a ser publicada em apêndice às Actas. Depois de uma análise sintética da situação da Geografia em termos gerais e da Geografia Física em particular, *acabou por concluir que «a extinção da Geografia Física é uma medida muito grave a*

*qual, inclusive, põe seriamente em risco a identidade da Geografia e a sua própria existência, quer como ciência e curso universitário, quer como disciplina curricular do Ensino Secundário» (Neves, p. 977).*

De um modo geral, embora apresentando produto de investigação pessoal em áreas concretas e diferenciadas, parece-nos que as preocupações manifestadas são comuns a toda a região ibérica. Problemas idênticos surgem em ambos os países, quer quanto às transformações do mundo rural ou das áreas urbanas, quer no que diz respeito à imperiosa necessidade de se pensar e cumprir um ordenamento eficiente do território. Mas os problemas metodológicos e didáticos constituíram também preocupação generalizada. Foi este tema que mais suscitou o interesse dos participantes exteriores ao meio universitário, pondo em relevo a existência de todo um conjunto de geógrafos aos quais se torna cada vez mais importante ouvir. E para finalizar fazemos nossas as palavras que o Professor Doutor Fernando Rebelo proferiu no encerramento do Colóquio: *«os trabalhos apresentados exigem que se diga lá fora que os geógrafos estão vivos e são úteis e que, refiro-me ao caso português, a disciplina de Geografia não pode perder a [infelizmente já pouca] importância que tem tido no ensino secundário. Se na Universidade, para a Licenciatura, estamos a receber 60% (ou mais) de estudantes que não frequentaram Geografia nos anteriores quatro ou cinco anos, não devemos permitir que a situação vá de mal a pior. Os docentes universitários não podem pôr-se à margem das lutas dos seus colegas do Secundário» (Rebelo, p. 965).* Saibamos todos contribuir para que este problema venha, a curto prazo, a ter uma solução condigna.